



## MAPEAMENTO DA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA: APONTAMENTOS SOBRE A CONSTRUÇÃO DE UMA TRAJETÓRIA DE PESQUISA

*Ana Maria de Almeida*

*Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS – Brasil*

*E-mail: [prof.mat.aninhaw2@gmail.com](mailto:prof.mat.aninhaw2@gmail.com)*

*ORCID: [0000-0001-7974-2186](https://orcid.org/0000-0001-7974-2186)*

*Luzia Aparecida de Souza*

*Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS – Brasil*

*E-mail: [luzia.souza@ufms.br](mailto:luzia.souza@ufms.br)*

*ORCID: [0000-0001-8428-4503](https://orcid.org/0000-0001-8428-4503)*

O autor não é exatamente nem o proprietário nem o responsável por seus textos; não é nem o produtor nem o inventor deles. [...] O que seria preciso fazer é localizar o espaço assim deixado vago pela desapareição do autor, seguir atentamente a repartição das lacunas e das falhas e espreitar os locais, as funções livres que essa desapareição faz aparecer.

Foucault (2009).

**Resumo:** Este texto trata de um exercício sobre alguns movimentos de pesquisa da História da formação de professores de matemática no contexto do grupo História da Educação Matemática em Pesquisa (HEMEP). Dessa forma, explicitamos alguns movimentos iniciais de investigação de doutorado iniciada no ano de 2018. Acreditamos que essa escrita poderá contribuir para nosso estudo que tem como objetivo problematizar os processos de formação de professores de matemática, a partir dos diferentes cenários sociais, políticos e econômicos, evidenciados nos estudos referentes à formação inicial de professores que ensinam matemática, desenvolvidos por pesquisadores membros dos Grupos GHOEM (2002 – 2018) e HEMEP (2011 – 2018), bem como provocar uma reflexão sobre as contribuições desses trabalhos para pensar a formação de professores de matemática. Dessa forma, demarcamos os primeiros arranjos de uma doutoranda ao iniciar um curso para a obtenção do título de doutora, com uma proposta de pesquisa ancorada na História da formação de professores de matemática no Brasil.

**Palavras-chave:** HEMEP; GHOEM; formação de professores de matemática; pensamento de fronteira; História Oral.

Esta escrita se inicia na convicção de que você leitor produzirá outros textos em contato com estes escritos, pois concordamos com Foucault quando defende a morte do autor ao concluir uma produção, visto que mesmo essas autoras que vos escrevem não

serão as mesmas ao relerem este texto em um momento a posteriori, uma vez que foram transformadas por outros acontecimentos, inclusive por esta produção aqui apresentada.

Nessa ótica, a intenção de colocar um trabalho inicial para discussão nos permite construir novas relações a partir dos estudos de outros pesquisadores. Também entendemos a produção de narrativas como parte do processo de produção de significados. Destarte, em cada construção oral ou escrita movimentamos nossos estudos e construímos outras relações. Esses exercícios configuram nossos trabalhos em todos os momentos de pesquisa.

Nesse panorama, essa experiência marca o início de um percurso de estudo rumo à construção de uma tese de doutoramento, no limiar da constituição de uma pesquisadora doutoranda em composição com a orientadora. Tal estudo envolve a reflexão sobre os trajetos de pesquisas, os referenciais teóricos metodológicos, os temas evidenciados/denunciados a partir das narrativas de agentes educacionais que atravessaram os pesquisadores dos Grupos GHOEM<sup>1</sup> e HEMEP<sup>2</sup>, no exercício do mapeamento da formação de professores de matemática no Brasil. A primeira preocupação foi em torno da escolha dos trabalhos, visto que nossa intenção seria refletir sobre a formação inicial de professores de matemática a partir das pesquisas que utilizaram as narrativas de diferentes agentes educacionais relacionados aos cursos de habilitação em matemática.

Nessa perspectiva, realizamos uma busca no repositório de teses e dissertações disponíveis nos sites dos grupos GHOEM<sup>3</sup> e HEMEP<sup>4</sup>, complementamos a pesquisa no repositório institucional da UNESP<sup>5</sup> no banco de teses e dissertações – PPGEdumat -

---

<sup>1</sup> Grupo História Oral e Educação Matemática – GHOEM. Trabalhos de integrantes do GHOEM. Disponível em: <[www2.fc.unesp.br/ghoem](http://www2.fc.unesp.br/ghoem)>. Acesso em: 01 jun. 2019.

<sup>2</sup> Grupo HEMEP – História da Educação Matemática em Pesquisa. Trabalhos desenvolvidos. Disponível em: <<https://grupohemep.wordpress.com/trabalhosdesenvolvidos/>>. Acesso em: 01 jun. 2019.

<sup>3</sup> Trabalhos desenvolvidos pelos componentes do Grupo GHOEM. Disponível em <<http://www2.fc.unesp.br/ghoem/trabalhos.php>>. Acesso em: 01 jun. 2019.

<sup>4</sup> Trabalhos desenvolvidos pelos pesquisadores do Grupo HEMEP. Disponível em: <<https://grupohemep.wordpress.com/trabalhos-desenvolvidos/>>. Acesso em: 01 jun. 2019.

<sup>5</sup> Repositório Institucional UNESP. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/>>. Acesso em: 01 jun. 2019.

UFMS<sup>6</sup>, no catálogo de teses e dissertações da CAPES<sup>7</sup>, pois na ocasião nem todos os trabalhos estavam disponíveis nos sites dos grupos de pesquisas supracitados. Dos trabalhos encontrados, separamos 97 que de alguma forma se relacionavam ao mapeamento da formação de professores de matemática. Após leituras dos resumos, delimitamos em 47 estudos entre teses e dissertações que tratavam da formação de professores que ensinam e/ou ensinavam matemática no Brasil com pesquisas desenvolvidas nos Grupos GHOEM e HEMEP. Nesse momento reduzimos material de análise para 27, sendo que priorizamos aqueles que tratavam da formação inicial de professores de matemática.

Intentamos desenvolver um estudo com esses trabalhos sob a ótica do pensamento liminar relacionado à colonialidade de poder como parte de um padrão “intelectual pós-colonial” (ALMEIDA, 2010, p. 14) que perpassa a produção de conhecimento. Acreditamos que nesse exercício de pesquisa, poderíamos criar espaços de fala e de escuta a partir das narrativas dos sujeitos subalternos<sup>8</sup> no âmbito da Educação Matemática. Concordamos com Figueiredo (2011), que reconhece como subalternos os sujeitos pertencentes aos grupos marginalizados que não possuem poder de fala nas narrativas dominantes.

Assim, quando nos colocamos a falar por meio das pesquisas a partir dos nossos espaços de práticas educativas, podemos abrir espaço para repensar as grandes propostas.

Dessa forma, nos provocamos em um repensar sobre o próprio devir desde a pesquisa de mestrado quando produzimos uma narrativa sobre a formação de professores de matemática que ocorreu em Campo Grande – MS, o curso Modular<sup>9</sup> como componentes dos grupos GHOEM e HEMEP, leitoras e produtoras de escritas na

---

<sup>6</sup> Banco de teses e dissertações - Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática (PPGEDumat). Disponível em: <<https://ppgedumat.ufms.br/dissertacoes-e-teses/>>. Acesso em: 01 jun. 2019.

<sup>7</sup> Catálogo de teses e dissertações. Disponível em: <<https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>>. Acesso em: 01 jun. 2019.

<sup>8</sup> “Aquele que depende de outrem: pessoa subordinada a outra” (FIGUEIREDO, 2011, p. 175).

<sup>9</sup> Curso de Formação de Docentes para a Educação Básica com habilitações em Licenciaturas em Letras, em Matemática, em Geografia, em História, Biologia e Cursos Normais Superiores, iniciados os anos de 2001 e 2002. (ALMEIDA, 2017).

diferença. Tal experiência se construiu no contexto das discussões desencadeadas nesses grupos, em meio a congressos, simpósios de Educação Matemática, aulas e produções de artigos que atravessaram movimentos produzidos entre orientanda e orientadora.

O contato com os estudos pós-coloniais ocorreu no início do ano de 2018, quando iniciamos os estudos de autores como Walter D. Mignolo, Anibal Quijano e correlatos que defendem o pensamento liminar frente ao padrão de poder mundial que perpassa diferentes áreas da sociedade. O pensamento liminar trata-se de uma postura crítica descrita por (MIGNOLO, 2003) como resposta à colonialidade de poder que foi constituída no contexto da globalização e, segundo Quijano (2005), se configurou em um padrão de poder, centrado nos conhecimentos norte-americanos de origem capitalista na perspectiva do pensamento moderno.

Esse autor reconhece certa marca espaço-temporal de construção de tal padrão que configurou na produção da identidade moderna, ou seja, que possui cor branca, conhecimento pautado nas bases norte-americanas e europeias e tem origem nas produções intelectuais dos países autointitulados modernos e desenvolvidos, entre eles: Alemanha, Estados Unidos da América e França. As premissas de conhecimento vindas dessas fontes orientam todo o percurso dos conhecimentos válidos para outros países que não pertencem a esses grupos.

Sendo assim, esta produção se configura no contexto do doutorado, ocorre em meio a uma tempestade de ideias ainda desorganizadas, compostas por diversos “Tremores”, (LARROSA, 2016) na busca de se encontrarem em um universo de pesquisa e se reconstruírem em “um nós do qual fazem parte” (LARROSA, 2016, p. 125). Dessa forma, este estudo se constitui em um coletivo que perpassa o universo desta orientanda, primeira autora que aqui escreve, em atuação como professora formadora de professores da Educação Básica em uma Secretaria Municipal de Educação e uma orientadora que é professora de mestrado e doutorado em um programa de pós-graduação em Educação Matemática.

Essas identidades imersas em um sistema colonizado constituinte de identidades de professores e alunos. Nomeamos esse trajeto como percurso desconstrutivo no que se refere aos movimentos de pesquisa da doutoranda, considerando seus enfrentamentos desde a fase de mestrado. A partir daquela experiência iniciou um processo de

reconstrução de um devir que divergia com certos padrões com os quais estava habituada anteriormente.

A referida desconstrução não está relacionada à destruição, mas ao sentido desconstrutivo que descreve Vasconcelos (2003) a partir da leitura de Jaques Derrida conforme mencionado em nosso estudo anterior em percurso de mestrado “como algo que acontece, uma vez que a sociedade está imersa em constantes desconstruções” (ALMEIDA, 2017, p. 143).

Assim, a desconstrução estaria relacionada às

Estratégias filosóficas que rompem com a estrutura e provocam mudanças tanto na condução dos estudos filosóficos quanto na construção do conhecimento e em um desprendimento que foge aos padrões rígidos da linguagem que substitui uma resposta por outra, apoiada nas grandes metanarrativas. O pensamento desconstrucionista nos permite transitar entre as diferentes formas de linguagens, não pela busca da presença nas respostas prontas, mas num sentido até mesmo de problematizar essas presenças trazendo para o espaço de discussão as ausências, que não estão postas na linguagem naturalizada. (ALMEIDA, 2017, p. 143).

A partir das mudanças provocadas por leituras de autores como Deleuze, Derrida, Foucault e seus correlatos, iniciou um novo construto de pesquisa que provocou o desmoronamento de estruturas sólidas e a quebra de verdades que ancoravam aquela experiência como professora, formadora de professores. As certezas constituídas nos estudos de formação continuada de certa forma entram em choque nos processos de mestrado e do itinerário de doutorado.

A quebra das estruturas anteriores pautada na verdade “iluminada pelas luzes inequívocas da razão” (COSTA, 2007, p. 142) nos provocam certo mal enquanto pesquisadores formados nos moldes da modernidade, mas também contagiados pelas mudanças desencadeadas desde o final do século XIX que coloca em xeque os modos como entendemos, explicamos e concebemos o mundo a nossa volta.

Nesse universo, está ancorado este texto em um incômodo na forma mais subjetiva possível desse devir de uma doutoranda, atuante na formação de professores que se desconstrói entre leituras e discussões sobre o pensamento liminar no contexto da colonialidade de poder, Mignolo (1995; 2000), Quijano (1991) e Grosfoguel (2009). Essas leituras, escritas e discussões desencadeadas nas experiências de doutorado se

configuram em meio a enfrentamentos advindos das experiências da pesquisadora em sobreviver como parte de um sistema colonizador de formação de professores, ao mesmo tempo, atuar como membro do Grupo de pesquisa HEMEP que discute e denuncia cenários marginais de formação de professores, por meio das narrativas de agentes educacionais em diferentes contextos históricos brasileiros. Um curso Modular de matemática, por exemplo, foi desenvolvido nas férias escolares sendo que os professores participavam de aulas em janeiro e julho de cada ano, desenvolviam trabalhos em casa, em um modelo bem diferente dos cursos regulares de habilitação. Porém nos documentos oficiais aparece como habilitação em matemática igual aos outros.

Desde os primeiros contatos com o doutorado, fomos atravessadas por leituras de Mignolo (2003; 2008), Nolasco (2013), Mbembe (2016) e outros estudiosos do pensamento liminar que seguem, até o momento, como um dos referenciais postos em discussão com as teses e dissertações em questão.

A intenção é problematizar os processos de formação de professores de matemática, a partir dos diferentes cenários sociais, políticos e econômicos, evidenciados nos estudos referentes à formação inicial de professores que ensinam matemática, desenvolvidos por pesquisadores membros dos Grupos GHOEM (2002 – 2018) e HEMEP (2011 – 2018), bem como provocar uma reflexão sobre as contribuições desses trabalhos para pensar a formação de professores de matemática.

Até o momento temos buscado um diálogo com teóricos que estudam o pensamento liminar descrito por Cruz (2010, p. 137), a partir de Mignolo (2003), como uma “máquina para descolonização intelectual e, portanto, para a descolonização política e econômica”.

A aproximação com o pensamento liminar pode nos auxiliar, por exemplo, a olhar para os trabalhos a partir de suas referências e das composições dos pesquisadores com seus referenciais. A intenção é refletir sobre o perfil de referências e o modo como elas operam nesses estudos sobre essas narrativas que produzimos em pesquisa nos permitindo afetar por elas, mas também questioná-las.

Nesse sentido, nos colocamos a problematizar nossos próprios exercícios de pesquisas, bem como as influências do padrão de poder ocidental que perpassa as

diferentes áreas da sociedade de forma naturalizada, principalmente a educação.

Adotar a perspectiva do pensamento de fronteira ou liminar não estaria nem na fuga de um fundamentalismo ocidental nem na negação absoluta do mesmo (MIGNOLO, 2008, p. 297). Assim, o pensamento de fronteira seria uma alternativa no sentido de tomar consciência das influências norte-americanas e europeias, por exemplo, no mercado de trabalho brasileiro. Tais parâmetros podem direcionar ações governamentais e programas educacionais de formação de professores e influenciar a pesquisa, o ensino e a aprendizagem.

Destarte, o pensamento de fronteira não se coloca na dicotomia entre um local e outro, mas no entre, nem um e nem outro, mas atento a estas possibilidades. Sendo assim, esses referenciais podem configurar um recurso para problematizarmos processos de formações emergenciais materializados nas diferentes regiões brasileiras.

Nessa perspectiva, pretendemos compor o estudo de doutorado a partir das teses e dissertações dos grupos GHOEM e HEMEP, que utilizam relatos e outras fontes, denunciando acontecimentos que nem sempre aparecem nos documentos oficiais. Essas evidências podem contribuir para a produção de identidades dos professores de matemática e contribuir para pensarmos os processos de formação de professores atuais. Nossa intenção consiste em trazer os estudos pós-coloniais relacionados ao pensamento liminar para o contexto da pesquisa em Educação Matemática, no sentido de produzir novas linhas nos rizomas da pesquisa.

No momento, estamos nas leituras preliminares das análises desses trabalhos e de teorias relacionadas ao pensamento liminar que possam nos auxiliar na composição do estudo. A partir dessas leituras estamos construindo um questionário para retornarmos às teses e dissertações com uma reflexão mais aprofundada direcionada por tais questões. A necessidade de produzir um questionário surgiu a partir dos estudos sobre a colonialidade de poder quando nos colocamos a pensar sobre nossos exercícios de pesquisa, do ponto de vista que podemos contribuir com esse padrão de poder com nossas escritas ou contrapor. De acordo com Quijano (2005), esse padrão de poder perpassa, de forma naturalizada, os espaços de produção de conhecimentos relacionados ao trabalho, raça e gênero. Os conhecimentos produzidos corroboram para a produção de identidades aceitas em cada contexto social, enquanto exclui outras que não se encaixam nos limites

propostos.

Dessa forma, poderíamos construir alguns rizomas a partir da pesquisa para pensarmos a formação de professores de matemática de outros modos, bem como evidenciar processos formativos marginalizados e naturalizados na maioria dos sistemas educacionais.

Sobre os rizomas, Deleuze e Guattari (1995, p. 94) reconhecem que

Todo rizoma compreende linhas de segmentaridade segundo as quais ele é estratificado, territorializado, organizado, significado, atribuído, etc; mas compreende também linhas de desterritorialização pelas quais ele foge sem parar. Há ruptura no rizoma cada vez que linhas segmentares explodem numa linha de fuga, mas a linha de fuga faz parte do rizoma. Estas linhas não param de se remeter umas às outras. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 94).

Nessa ótica, o método cartográfico poderá ser um caminho metodológico na construção desse recurso.

Vale ressaltar que a intenção metodológica que nos embasa, no contexto da pesquisa qualitativa, na perspectiva da História Oral nos permite construir os caminhos de pesquisa em percurso. Dessa maneira, partimos das narrativas sobre as quais produzimos nossas trajetórias de estudo com base nos acontecimentos que evidenciamos com nossos questionamentos atrelados aos estudos e discussões em nossos grupos de pesquisa.

Nesse sentido, os pesquisadores se constituem e problematizam seus movimentos de pesquisa ao mesmo tempo que constituem seu objeto de estudo. Tal concepção nos remete à cartografia como possibilidade, em composição com os estudos de Cintra et al. (2017).

A cartografia é uma das possibilidades de se estudar objetos de caráter mais subjetivos e que exigem do pesquisador a habitação de diferentes territórios, na perspectiva de transformar para conhecer, como na produção de conhecimento.

Considerando que a metodologia poderá passar por mudanças até o final dos trabalhos, deixamos registrada a intenção metodológica que poderá permanecer ou não, de acordo com direções futuras que construiremos em pesquisa.

Assim, seguimos a rigor com nossa intenção de pesquisa, construímos, desconstruímos e reconstruímos nossos roteiros de estudos do início à conclusão do

trabalho. Lembrando que a conclusão não significa um resultado final, mas até mesmo inconclusão que pode gerar mais perguntas que respostas ao final do trabalho.

Nessa linha de pensamento, cada investida de estudo sobre o mapeamento da formação de professores pode compor outras segmentações e criar novos rizomas e fissuras em pesquisa.

Tais exercícios fazem parte de um posicionamento político como reconhecem Cintra et al. (2017). Para essas autoras “um dos princípios do rizoma” descrito por Deleuze e Guattari (1995, p. 45), é “resistência ético-estético-política para compreender as produções sociais”.

Dito isso, a escrita deste texto propiciará acrescentarmos novas relações a partir das contribuições de outros pesquisadores que possam ter acesso a essa apresentação.

## Referências

ALMEIDA, A. M. **Inventar e se reinventar, em meio a narrativas históricas**: uma trajetória de pesquisa sobre o Curso. 2017. 226 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Educação Matemática, Programa de Pós-graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - Edum, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande MS, 2017. Disponível em: <<http://posgraduacao.ufms.br/portal/trabalho-arquivos/download/4427>>. Acesso em: 03 abr. 2018. Acesso em: 28 jun. 2018.

CINTRA, A.M. S.; MESQUITA, L. P. de; MATUMOTO, Silvia and FORTUNA, Cinira Magali. Cartografia nas pesquisas científicas: uma revisão integrativa. **Fractal, Rev. Psicol.** [online]. 2017, vol.29, n.1, pp.45-53. ISSN 1984-0292. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.22409/1984-0292/v29i1/1453>>. Acesso em: 30 jul. 2018.

CORAZZA, S. M. Labirinto da pesquisa diante dos ferrolhos. In: COSTA, M. (org.) **Caminhos investigativos**: novos olhares da pesquisa em educação. Porto Alegre: Mediação. 1996. p.105-131.

Marisa Vorraber Costa. (Org.). **Caminhos Investigativos I**: novos olhares na pesquisa em Educação. 2ed. Rio de Janeiro (RJ): Lamparina, 2007, v. , p. 23-38.

CRUZ, Valter Do Carmo. Histórias locais/Projetos globais: Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. **GEOgraphia**, v. 7, n. 13, 2010.

CURY, F. G. **Uma Narrativa Sobre a Formação de Professores de Matemática em Goiás**. 2007. Dissertação de Mestrado em Educação Matemática - Universidade Estadual Paulista Rio Claro/SP, 2007.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Rio de

Janeiro: 34, 1995. v.1.

\_\_\_\_ **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia.** Rio de Janeiro: 34, 1996. v.3.

FIGUEIREDO, C. V. S. Reflexões Sobre Os Estudos da Subalternidade: resenha do livro *Pode o subalterno falar?* de Gayatri Spivak. **CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS**, v. 3, n. 5, 2017.

FILLOS, L. M. **A Educação Matemática em Irati (PR): memórias e história.** 232 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro. Ed. Graal. (1979).

\_\_\_\_ **A Arqueologia do Saber** (Trad. Luiz Felipe Baeta Neves). 3 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008b.

GARNICA, A. V. M. **Cartografias contemporâneas: mapeando a formação de professores de matemática no Brasil.** Ed. 1. Curitiba: Appris, 2014.

LARROSA, J. Literatura, Experiência e Formação. Uma entrevista com Jorge Larrosa. In: **Caminhos Investigativos I.** 3ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2007.

MIGNOLO, W. D. **Histórias locais/Projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar.** Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

MIGNOLO \_\_\_\_ **Desobediência Epistêmica: A opção descolonial e o significado de identidade em olítica.** **Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, Língua e Identidade.**: Universidade Federal Fluminense - UFF, n. 34, 2008. Niterói – RJ.

Disponível em:

<[http://professor.ufop.br/sites/default/files/tatiana/files/desobediencia\\_epistemica\\_mignolo.pdf](http://professor.ufop.br/sites/default/files/tatiana/files/desobediencia_epistemica_mignolo.pdf)>. Acesso em: 06 mai. 2017.

MORAIS, A. C. L. de. **Licenciatura Em Matemática Da UFMS: Movimentos Precursores E Implantação De Um Curso A Distância.** 2017. 208 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Educação Matemática, Programa de Pós-graduação em Educação Matemática, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande - MS, 2017. Disponível em: <<http://posgraduacao.ufms.br/portal/trabalho-arquivos/download/4242>>. Acesso em: 11 abr. 2018.

PINTO, Thiago Pedro. **Projetos Minerva: caixa de jogos caleidoscópica.** Tese (Doutorado em Educação para as Ciências) – Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/102043>>. Acesso em: mai. 2015.

Porto-Gonçalves C. W. Apresentação da edição em português. In. LANDER, Edgardo. (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: Perspectivas latino-americanas.** Buenos Aires. Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales – CLACSO, 2005.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: Lander, E. (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais.** (p. 116 - 42.).

**XIII SESEMAT- Seminário Sul-Mato-Grossense de Pesquisa em Educação Matemática**  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul- Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática

Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciências Sociales – CLACSO, 2005.

SOUZA, L. A. de. **Trilhas na construção de versões históricas sobre um Grupo Escolar**. 2011.

\_\_\_\_\_. Narrativas na investigação em história da educação matemática. **Rev. educ. PUCCampinas**. Campinas, pp. 259-268, set./dez. 2013.

MARTINS, Juliana. **Uma biografia de Eugênio de Barros Raja Gabaglia**. 420 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) - Instituto de Geociência e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2011.

VEIGA-NETO, A. Olhares... In: Marisa Vorraber Costa. (Org.). **Caminhos Investigativos I: novos olhares na pesquisa em Educação**. 2ed. Rio de Janeiro (RJ): Lamparina, 2007, v. , p. 23-38.